

O DISCURSO COMO ATIVIDADE DE SELEÇÃO E PODER: RECURSOS EXPRESSIVOS E ASSOCIAÇÕES MENTAIS

Paula Pereira Soares da Silva
paulapesosi@yahoo.com.br

RESUMO

Esta análise recorreu aos cartazes expostos nas manifestações de 2013 contra o aumento das passagens de ônibus para assinalar como os recursos expressivos presentes no corpus agem como mecanismos propositais de controle do discurso e reveladores do contexto (DIJK, 2012). A seleção, portanto, definiria o recorte social de quem virá a consumir a mensagem; e, assim, atualizaria o contexto no momento da interação de acordo com os interesses do locutor em relação aos ouvintes que deverão ser atingidos. Este componente atualizador será subsidiado por uma perspectiva pragmática, segundo a qual o uso dos meios interlocutórios apropriados aciona a atividade do agente cognitivo; e, conforme esta pesquisa, ativa modelos mentais acerca do evento. Para a análise do discurso, não haverá procedimento fixo e a conduta do pesquisador dependerá das concepções teóricas que tiver adotado (FAIRCLOUGH 2001).

Palavras-chave:

Contexto. Discurso. Poder. Gêneros textuais. Modelos mentais.

1. Introdução

O discurso é ato social, é a atividade na qual, segundo Guimarães (2012, p. 126) “(...) o seu analista busca as intenções não explicitadas, ou seja, a ideologia que move o autor na elaboração do texto”. Existe no texto uma lacuna proposital que traz as pretensões do autor, delimita seus receptores e, sobretudo, consegue impactá-los com sua ideologia.

Em sua palestra, Teun Van Dijk também se refere ao controle sobre o discurso e o posiciona na interface poder x mente¹. Aproveitando as duas fontes teóricas mencionadas, o discurso é o veículo que transporta a carga ideológica do produtor, de forma não explicitada, e que só se realiza e funciona quando alcança as mentes capazes de compreender este ‘vazio’. A investigação a ser sugerida se baseia na hipótese de que o discurso veiculado, apesar de pronto, nunca é completo até que encontre seu receptor.

¹ O endereço eletrônico é <http://www.youtube.com/watch?v=EPdtmQrB91E>.

É no campo em branco deixado pelo produtor que acontece a atividade do investigador em apontar e discorrer sobre os recursos utilizados.

É intenção desta pesquisa assinalar e discorrer sobre as escolhas lexicais, os recursos estilísticos, os símbolos presentes no corpus que agiria como mecanismos reveladores do contexto e propositais de controle do discurso. São os estilos que tanto permitem aos receptores reconstruir as projeções de contexto feitas pelos falantes, como também podem ser manipulados pelos falantes de modo a influenciar as definições que os receptores terão sobre o contexto.

A intertextualidade é um norteador importante nesta reconstrução, pois é a partir do acionamento de modelos já vividos que o receptor preenche os conteúdos implícitos deixados pelo emissor, fazendo com que o discurso seja então significativo e apropriado.

A análise dos contextos é frequentemente associada a um tratamento pragmático, e assim será aqui, para que reforce a premissa de que o sentido está naquilo que se constrói no ato da interação, na provocação do componente dêitico, nas novas significações sugeridas pelo contexto.

A escolha dos recursos e preparação do discurso seria moldada de acordo com as mentes que se deseja impactar, controlar; ou seja, o controle exercido sobre a preparação do discurso é simultaneamente o controle sobre a mente do ouvinte. E no sentido contrário, as mentes consumidoras da mensagem teriam seu acesso à informação permitido assim que realizassem modelos mentais compatíveis com as pretensões do produtor. Dessa forma, esta análise entende que o discurso determina o recorte social que comporá as mentes-alvo que ‘consumirão’ a ‘realidade’ trazida pelo autor do discurso, conforme os desejos desse.

Em seu ‘Discurso e contexto’, Teun A. Van Dijk busca acompanhar como se dá a influência do contexto na estruturação do discurso. Para isso, ele recorre a uma perspectiva sociocognitiva para libertar-se das teorias que relacionam o discurso às representações existentes no próprio texto e ignoram as mediações mentais, este autor quer tornar visíveis as representações do ambiente comunicativo.

Sendo assim, relacionar contexto com a interação social é considerar o entorno comunicativo como definido somente no ato do encontro dos participantes.

Para este autor, contexto não é algo objetivo, encerrado; mas um construto constantemente atualizado, enquanto se dá a interação entre os

membros de dada situação. Só o que for pertinente para aquele ato de conversação será considerado como elemento do contexto e modulador do discurso. Essas propriedades relevantes são como seleções minuciosas, sensíveis à percepção dos membros, e que vão controlar a produção e o entendimento do discurso (DIJK, 2012). Nem toda especificidade sobre os envolvidos ou sobre a situação irá justificar os objetivos veiculados na mensagem e as escolhas. Há elementos que não afetam, ou não são afetados, pela situação em andamento.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Pragmática

Para a análise dos contextos, o autor dá preferência a uma análise pragmática em detrimento de um tratamento semântico; pois, ao adequarmos o discurso aos modelos elaborados sobre a situação, fazemos um ajuste pragmático. Identificar o entorno por seus aspectos socioculturais e cognitivos e, assim, usar os meios interlocutórios apropriados, é uma das funções de uma abordagem pragmática (DIJK, 2012).

Henriques relativiza a verdade ao tratar da semântica e cita Câmara Jr. (1974 p. 139), “cada significação precisa depende do contexto em que se acha.” (*Apud* HENRIQUES, 2011, p.123). Assim, a semântica estaria relacionada aos signos linguísticos, enquanto a pragmática se inscreveria na atribuição contextual e determinada pela ação do usuário.

2.2. Intertextualidade

Os modelos mentais são construídos pela identificação do episódio, retomada de experiências anteriores dos usuários e a seguinte atualização do evento presente. Essa transformação de textos anteriores e a validação dos novos acontecem, na presente análise, por conta da intertextualidade, a qual marcaria, para Fairclough, as transformações sofridas pela amostra. Para ele, essas mudanças descreveriam os processos de produção, interpretação e consumo do discurso. Este trabalho também adota o mesmo pensamento, e promoverá a verificação de que os modelos mentais contextualizam este novo texto em relação a outro tomado como modelo.

2.3. *Análise do discurso*

Sabido que este trabalho pretende acompanhar os recursos estilísticos como reveladores do recorte social, do contexto e controladores do discurso; os comentários passarão por:

- relação escolha x poder,
- atividade social e não individual do discurso,
- associações mentais
- exercício cognitivo

Estas categorias não são rígidas e podem não ser relevantes em todo o corpus analisado. Serão comentadas ao passo que confirmem as hipóteses em discussão. Este método de análise do discurso proposto segue o pensamento de Fairclough (2001) de que não há procedimento fixo para este tipo de discussão, e a conduta do pesquisador depende das concepções teóricas que tiver adotado. O foco tomado para estas comprovações é o aspecto intertextual das amostras.

Este novo discurso demarcando claramente outros textos anteriores é o que chama de intertextualidade manifesta. Citando Foucault, diz que “não pode haver enunciado que, de uma maneira, ou de outra, não reatualize outros. (FOUCAULT, 1972, p. 98 *apud* FAIRCLOUGH, 2001, p. 133).

3. *Discurso*

É ‘a atividade linguística nas múltiplas e infundáveis ocorrências da vida do indivíduo’ (CÂMARA JR., 1959, p. 20). É, portanto, a língua (v.) atualizada num momento dado, por um indivíduo, quer como FALA (discurso oral), quer como ESCRITA (discurso escrito) (AZEREDO, 2008, p. 99).

O pensamento norteador desta pesquisa completa que “Isso inclui as estruturas visuais, como o layout, os tipos de letras e imagens para textos escritos ou impressos...” (AZEREDO, 2008, p. 166).

Estes recursos perceptíveis no discurso são a forma de tornar o contexto visível, isto se dá através das expressões dêiticas, que transportam o ‘eu’. Nenhum discurso é possível e adequado sem um conhecimen-

to compartilhado pelos participantes, ou seja, confirma-se mais uma vez que o discurso é estrutura societária intermediada pelas representações mentais dos usuários.

3.1. Contexto X discurso

Isolar discurso de contexto é problemático. Fairclough (2001, p.89) analisa o discurso considerando uma orientação linguística e somente os posicionamentos que forem relevantes para este discurso. As discussões tentarão demonstrar que variações que interfiram na constituição do evento, tais como suporte, tempo, local, gênero são determinantes na produção ou entendimento do discurso.

O enfoque dado ao discurso por Fairclough é aproveitado por Dijk. As variáveis situacionais estão, sim, envolvidas no processamento da linguagem e sem que a prática social dos sujeitos seja deixada de lado.

3.2. Discurso x poder

Poder é o estabelecimento das relações, a consagração dos papéis sociais, o controle sobre a mente e as ações dos dominados. Ao sugerir este tipo de controle, o autor propõe que o detentor do discurso possa agir manipulando o que quer que as outras pessoas pensem, ou seja, submeta-as às suas ideologias.

Sendo assim, discurso é o cruzamento entre poder e mente. É a manifestação de vontade dos que têm o poder, seguida das representações feitas pelos dominados segundo os interesses daqueles. Controlar o discurso é controlar as impressões que as classes dominadas têm sobre o evento.

3.3. Modelos mentais

Ao se deparar com a situação comunicativa, as pessoas envolvidas fazem pressuposições sobre o conhecimento do grupo e a possibilidade de se entenderem. Essas ideias inferidas sobre o contexto são modelos mentais, construídos a partir das experiências de suas vidas diárias. Estabelecido o consenso sobre a representação do evento, as partes permitem que os textos se apresentem incompletos ou implícitos, visto que oferecem nas suas construções mentais as ideias que não são expressas clara-

mente. (DIJK, 2012).

Se o conhecimento de mundo, o compartilhamento do sistema linguístico, e o acionamento do componente dêitico garantem o entendimento da mensagem; este trabalho visa a comprovar que a apreensão se dá muito mais pela manipulação do controlador do discurso sobre os modelos mentais que o receptor construirá.

3.4. Ideologia

O texto é incompleto e o falante se apoia no seu planejamento e no que sabe (acha que sabe) sobre os outros participantes. Este contexto atualizado tem base nas cognições sociais compartilhadas, neste momento ambos os envolvidos assumem conhecimentos, ideologias, gramáticas, regras em comum (DIJK, 2012). Embora o contexto seja uma percepção subjetiva sobre a situação, o conhecimento sociocultural compartilhado é que vai revelar propósitos.

Retomando a linha introdutória desta análise, ideologia é a parte implícita do texto, mas que será preenchida segundo os interesses do produtor.

O discurso, por sua vez, também é determinado por coerções ideológicas. Ora, se a consciência é constituída a partir dos discursos assimilados por cada membro de um grupo social e se o homem é limitado por relações sociais, não há uma individualidade de espírito nem uma individualidade discursiva absoluta (Cf. FIORIN, 1988, p. 36).

O texto final revelará as crenças, os objetivos, as ideologias, as intenções sobre os usuários dos envolvidos nesse sistema.

A parte não explícita do texto aponta exatamente para as percepções conjuntas dos participantes, construídas nos modelos mentais. Nesta mesma obra, o direcionamento é de que os falantes são capazes de representar o conhecimento de seus receptores (Cf. DIJK, 2012).

Para Fiorin, a aparência é a inversão da essência, é na primeira que se constroem as ideias dominantes; é quando a lacuna, o texto incompleto, não explícito, deixa espaço para que a ‘realidade’ seja construída com as representações que o ser dominante quer que o outro tenha. É o que Dijk (2012, p. 256) defende como “proposições que os receptores são capazes de derivar” e os falantes não querem se comprometer em afirmar explicitamente. Dessa forma que a simbologia se liga à ideologia.

Esta se serve daquela para expor uma realidade manipulada.

O falante organiza sua estratégia discursiva em função de um jogo de imagens: a imagem que ele faz do interlocutor, a que ele pensa que o interlocutor tem dele, a que ele deseja transmitir ao interlocutor etc. É em razão desse complexo jogo de imagens que o falante usa certos procedimentos argumentativos e não outros. Embora consideremos que a sintaxe seja o campo da manipulação consciente, pode-se, em virtude de hábitos adquiridos ao longo da aprendizagem linguística, utilizar seus procedimentos de maneira inconsciente (Cf. FIORIN, 1988, p. 18).

4. *Corpus da análise*

O corpus adotado para o estudo das percepções aqui descritas são cartazes que foram expostos e carregados por manifestantes nos protestos populares que aconteceram em várias cidades brasileiras, entre os meses de junho e julho de 2013. As manifestações foram impulsionadas pela insatisfação com o aumento na tarifa do transporte público. Na cidade de São Paulo, o movimento reuniu alguns milhares de participantes e alguns dias depois eclodiu também em algumas cidades brasileiras, sob forte repressão policial².

Em um segundo momento, uma multidão reagia à baixa qualidade dos serviços públicos, à corrupção, à polícia.

O ambiente das manifestações populares será entendido como o contexto institucional, aquele que dá contornos à situação comunicativa e funciona como o atualizador do significado rumo ao sentido.

5. *Análise do corpus*

Na Fig.1 tem-se a referência ao *Facebook* – ferramenta social gratuita e tecnológica de comunicação em rede, principalmente usada por jovens. O cartaz em primeira pessoa do plural anuncia que o porta-voz do texto é um desses jovens que, no Brasil, segundo a Hitwise³, tem entre 25 e 34 anos. Este grupo corresponde, nos levantamentos da ferramenta de

² O endereço eletrônico é http://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos_no_Brasil_em_2013

³ disponível em. <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/01/facebook-fecha-2013-com-6796-da-audiencia-no-brasil-em-redes-sociais.html>

inteligência em marketing digital, à faixa etária que mais acessou a rede no fim de 2013.

Fig.1



Estes jovens assinam, portanto, a autoria do cartaz e o comando do evento. Mas o discurso é conduta social, e não ato individual do falante.

A atitude de controle do produtor é ativada quando outros atores reconhecem o texto de referência: “vem pra rua”. Esta expressão é originalmente trecho de um jingle de propaganda, mas ganhou força e resignificação durante o movimento de 2013, sendo associada a protestos e engajamento. Lugares sociais como escolaridade, idade ou gênero não são determinantes no grupo que apreenderá a ideologia do produtor. Importa neste caso o nível de envolvimento do ouvinte nas causas abordadas no evento. Seja como ativista ou expectador é preciso compartilhar com o produtor o significado de “vem pra rua” para construir um modelo mental e perceber a intertextualidade. Somente aqueles que cumpram estas especificidades farão parte do contexto e entenderão que “sair do facebook” é como um aceite ao convite de “vir pra rua”, ou seja, proteste.

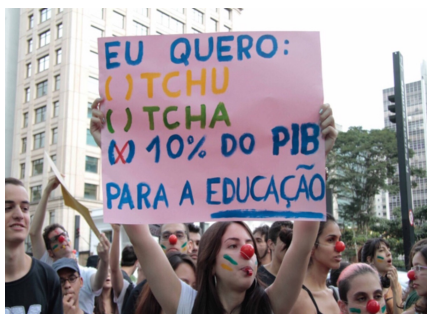
O uso do grafite configura o estilo do cartaz, traz tom de irreverência e até subversão ao suporte. Mesmo que as interpretações sejam subjetivas, os ouvintes entendem o modelo de evento a partir das escolhas lexicais dos controladores do discurso. As palavras são o espelho do evento que se quer apresentar (Cf. DIJK, 2012). Nesse “quer representar” leia-se o controle do produtor sobre a elaboração do discurso, e para aqueles que perceberam o estilo das letras, a resignificação da música, cabe a interpretação bem-sucedida do discurso.

Não precisa haver identidade, mas compartilhamento social entre os que produzem e leem o discurso. Estes que assumem a mesma conduta social compõem o contexto da situação. Mas é importante recuperar a noção de que a situação social em si não tem interferência direta no discurso, este só é afetado pela situação após a intermediação das representações mentais dos usuários.

O produtor, como detentor do discurso, toma a liderança e dá ao seu texto a carga ideológica que pretende, por isso, como analista, infere-se sobre ele juventude e irreverência. Mas estas características não são requisitos do seu ouvinte. Pelos recursos escolhidos, presume-se que suas mentes-alvo pretendidas são leitores envolvidos no cenário dos protestos e capazes de perceber que estes jovens da primeira pessoa do plural já aderiram aos protestos.

Sendo os modelos mentais a referência analógica a algum episódio da realidade já vivida, com base no papel social desempenhado por estes jovens autores do discurso, os ouvintes devem construir um evento com moldes de modernidade, engajamento, bom humor. Ao mesmo tempo que o *facebook* revela uma preferência desse segmento, o verbo “saímos” também demonstra a saída da acomodação, da inércia, rumo à atividade política.

Fig.2



A Fig.2 explicita que o exercício do poder não permite ao indivíduo agir de forma independente, é preciso situar o “outro”. O poder é a definição dos lugares de falante e ouvinte no discurso. Neste caso, não deve ser confundido com uma atividade de destaque ou segregação. O poder do falante é praticado quando ele controla o que quer que sua audiência apreenda.

No cartaz acima, o produtor usa um trecho da música “Eu quero TCHU, eu quero TCHA”, da dupla João Lucas e Marcelo e lançada em 2012. A canção acumulou requisitos de popularidade ao ocupar a 1ª posição nos veículos medidores dos hits de sucesso. Porém, o paralelo TCHU/TCHA contrasta com o jargão da área econômica ‘PIB nacional’. É uma construção que reúne entretenimento de massa e jargão específico da área de economia, intelectualizada.

Neste fragmento, o produtor controla as dimensões do poder sugeridas por Van Dijk. Controla a produção do discurso, visto que controla o nível de informação a ser distribuída. Controla o discurso, pois tem autonomia na construção e no alcance. E controla as consequências da sua fala, ao passo que impõe suas intenções e crenças.

O enunciado é apresentado no formato de uma questão de múltipla escolha, o que reforça a ideia de um ambiente escolar. Este traço é considerado o estilo usado no gênero. Todas essas características na composição do cartaz tratam-se da manipulação do produtor sobre as impressões que quer despertar no receptor.

Acredita-se aqui que o contraste leve o ouvinte a perceber a denúncia de uma conduta alienada em oposição a outra não alienada. As opções A e B completam os dois versos da música, ao passo que a terceira opção apresenta a porcentagem da arrecadação nacional a ser destinada para educação – informação e sigla apropriadas por uma minoria. A desproporção entre as opções é o artifício do produtor para que seu ouvinte escolha a opção que o primeiro quer, que reflete sua intenção e que reflete a ideologia do movimento do qual é porta-voz.

A música faz parte de uma cultura massificada, a qual é o instrumento de controle e consumo, na qual seus produtos são moldados segundo os interesses da classe dominante. Assim, dá-se na absorção dos cartazes veiculados nas manifestações. A música é altamente popular e consumida pela massa; de forma rápida, generalizada. O produtor controla a mente de quem consumirá o produto que ‘vende’, controla o que deve ser entendido e que modelo de evento deve ser construído. E, para isso, usa as ferramentas de popularidade, intertextualidade, contraste. Lembrando que as informações sobre o contexto não são visíveis exclusivamente no texto, mas no entorno; o discurso não foi preparado para a ‘massa’, mas para um setor elitizado capaz de identificar o sarcasmo em relação às escolhas do grupo dominado ou ao que lhe é oferecido pela classe dominante.

A partir do suporte e numa análise direcionada para o exercício do poder, a escolha dos recursos conduz a representação sobre o evento de uma manifestação jovem, popular, acessível, integrada; ao mesmo tempo que elitizada, escolarizada e bem informada.

A diferença entre registro e estilo fica vaga nessa discussão. O registro é entendido como propriedades gramaticais do texto – são probabilísticas – aqueles usos já esperados para determinados discursos. No caso do gênero ‘cartazes’ e no ambiente ‘protesto’, a uso da primeira pessoa é a forma provável e esperada de apresentação do texto. Enquanto o estilo é aqui a forma como as coisas são ditas; a entonação, as escolhas lexicais. O estilo desperta a imaginação do ouvinte sobre como interpretar o texto. Para Gurrey (*Apud Garcia 2010*),

(...) nossos hábitos linguísticos afetam e são igualmente afetados pelo nosso comportamento, pelos nossos hábitos físicos e mentais normais, tais como a observação, a percepção, os sentimentos, a emoção, a imaginação. (GURREY *apud* GARCIA 2010, p. 173)

O analista é livre para inferir sobre os possíveis modelos mentais construídos e que, compondo uma base comum, validem um provável recorte social pronto para interpretar o episódio. A verificação das proposições lançadas seguirá categorias consideradas pertinentes para avaliar como o discurso reflete ou é resultado de modelos mentais elaborados durante o evento e com base na ideia que se tem do contexto. O modelo mental elaborado será o ponto de partida e premissa para as categorias decorrentes.

6. Considerações finais

Mediante o exposto, as indagações específicas que conduzirão esta análise serão:

Discurso – poder – representações – discurso. Sem que a ordem tenha relevância, essas foram as palavras direcionadoras deste estudo. Fugiu-se da postura de que o texto em si traz suas informações, mas buscou-se comprovar que o evento e suas propriedades é que determinam que leitura será feita daquele texto, com o apoio das especificidades do gênero. Ou seja, a relatividade do significado está no fato de que cada evento tem suas peculiaridades.

A discussão se apoiou em entendimentos sobre poder, intertextualidade e ideologia. O poder relacionou o indivíduo com seu ‘outro’, pois só na relação há a consagração dos papéis sociais e das diversidades de interesses.

Quando se fala em objetivos, fala-se em ideologia. Segundo a literatura adotada aqui, os interesses do detentor do discurso dependem de uma intermediação mental para que sejam apreendidos, e faz-se por meio da interpretação de eventos. A atribuição de significado depende da resignificação de outros anteriores?

Este ciclo é rodeado pelas intermediações mentais que conectam falante e ouvinte. O suporte, gênero, entonação, registros atuam como ferramentas que sintonizam as práticas de produção e interpretação.

Enfim, tratou-se de uma estrada trilhada por associações mentais, bases comuns e seus artifícios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

DIJK, Teun A. Van. *Discurso e contexto*. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. *Discurso y poder*. Parte 1. 2014. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=185JAFPtVcU>>. Acesso em: 29 ago. 2014.

_____. *Discurso y poder*. Parte 2. 2014a. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=EPdtmQrB91E>>. Acesso em: 3 set. 2014.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Coordenadora da trad. Izabel Magalhães. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1988.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 27. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

GRIPP, Allan. *Retrospectiva: Manifestações não foram pelos 20 centavos*. FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.1.folha.uol.com>.

br/poder/2013/12/1390207-manifestacoes-nao-foram-pelos-20-centavos.shtml.
Acesso em: 11 set. 2014.

GUIMARÃES, Elisa. *Texto, discurso e ensino*. São Paulo: Contexto, 2012.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Léxico e semântica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.